

Programa Falas de Acesso e a reconfiguração do combate ao capacitismo no audiovisual¹

Amanda Ganzarolli²
Universidade Metodista de São Paulo

RESUMO

Este estudo analisa como o audiovisual na televisão brasileira tem promovido a participação de influenciadores digitais com deficiência no combate ao capacitismo, destacando suas identidades e diversidade. O programa Falas de Acesso (Rede Globo, 2024) é o objeto de análise, com foco na amplificação do protagonismo das pessoas com deficiência. A pesquisa se apoia nas teorias de Figueira (2021), Saga e Ignarra (2023), Di Marco (2020) e Heumann (2020), seguindo a metodologia de Lycarião e Sampaio (2021). Os resultados indicam que o audiovisual tem contribuído para o combate ao capacitismo por meio de uma construção coletiva.

PALAVRAS-CHAVE

Pessoa com deficiência; audiovisual; televisão; capacitismo; diversidade.

INTRODUÇÃO

Segundo Silva, Beche e Costa (2022), "podemos definir capacitismo como toda e qualquer atitude preconceituosa para com uma pessoa com deficiência" (Beche & Costa, 2022, p. 103). Essa definição se mantém válida também nos territórios virtuais, que, com o surgimento da internet e das plataformas digitais, tornaram-se espaços nos quais o capacitismo encontra novas formas de expressão. Simultaneamente, esses ambientes digitais possibilitam novas formas de resistência anticapacitista, à medida que o protagonismo de pessoas com deficiência se fortalece nas redes sociais digitais, promovendo transformações até mesmo na televisão.

Indivíduos que atuam em prol de minorias sociais historicamente invisibilizadas enfrentaram marginalização ao longo dos séculos, sendo frequentemente estigmatizados como aqueles que desafiam normas e práticas estabelecidas em benefício de um grupo

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Estudos audiovisuais, evento integrante da programação do 28º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 15 a 17 de maio de 2025.

² Jornalista, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo (Umesp). Membro do grupo de pesquisa Jornalismo Humanitário e Media Interventions (HumanizaCom). Bolsista Capes. E-mail: aamandaganzarolli@gmail.com.

social restrito. Ao promover mudanças em busca de uma sociedade mais igualitária, esses indivíduos podem ser erroneamente vistos como causadores de problemas. Um exemplo marcante é o da ativista estadunidense Judith Heumann, pioneira na luta pelos direitos das pessoas com deficiência. Em seus relatos, Heumann evidencia como a exclusão das PcD está enraizada na sociedade desde a infância. Em sua obra *Ser Heumann: uma memória irreverente sobre os direitos das pessoas com deficiência* (tradução nossa), ela compartilha um episódio emblemático de sua própria vivência:

Ainda me lembro do dia em que eu tinha cinco anos e minha mãe me levou para me matricular no jardim de infância. Ela me ajudou a vestir um vestido bonito, me empurrou até a escola e levantou minha cadeira de rodas pelos degraus. Mas o diretor se recusou a me permitir entrar. “Judy é um risco de incêndio”, disse ele, explicando à minha mãe, chocada, como o sistema escolar via cadeiras de rodas como uma obstrução perigosa. Crianças que usavam cadeiras de rodas não podiam frequentar a escola. Eu teria que ficar em casa (Heumann e Joiner, 2020, tradução nossa).

Esse fenômeno é observado em diversas lutas contra preconceitos, como os de raça, gênero e classe, entre outros. Em uma sociedade predominantemente branca e masculina no poder, há uma tendência a preservar aquilo que mais se assemelha ao próprio fenótipo. Conseqüentemente, o capacitismo, enquanto preconceito direcionado aos corpos, é frequentemente minimizado e ridicularizado, sendo associado ao termo *mimimi*, expressão amplamente utilizada na era digital para deslegitimar as lutas de grupos minorizados. Esse capacitismo impacta cerca de 18,6 milhões de pessoas com deficiência (Pnad, 2022) no Brasil. Deste modo, esses grupos têm atuado nos ambientes virtuais com o objetivo de combater o preconceito contra a pessoa com deficiência (PcD) em diversas áreas. Há várias formas de praticar o capacitismo e de violar a dignidade humana, e a complexidade de abordar esse tema exige um cuidado especial. A tensão em tratar dessas questões, por meio dos exemplos apresentados, é grande, pois é necessário garantir que este estudo não se torne um amplificador do preconceito.

Neste contexto, o objetivo deste estudo é analisar como a produção do audiovisual na televisão brasileira tem possibilitado a participação de influenciadores digitais com deficiência no combate ao capacitismo ao trazer essas identidades e diversidade no ambiente da comunicação. O objeto de análise é o programa *Falas de Acesso*, exibido

pela Rede Globo em 2024, cuja interseccionalidade amplifica o protagonismo das pessoas com deficiência. Para embasar teoricamente esta pesquisa, são utilizados os estudos de Emílio Figueira (2021), autor com paralisia cerebral, as contribuições dos influenciadores digitais Billy Saga e Carolina Ignarra (2023), Victor Di Marco (2020), a ativista estadunidense Judith Heumann (2020) e a obra Deficiência e os desafios para uma sociedade inclusiva – Volume 1 (2022). A metodologia utilizada abrange a análise de conteúdo categorial, conforme proposto por Lycarião e Sampaio (2021).

FALAS DE ACESSO

Com duração de 42 minutos, o programa foi conduzido por uma equipe formada por uma maioria de pessoas com deficiência, incluindo jornalistas, atores, influenciadores digitais, escritores e outros profissionais. A produção apresenta um experimento social realizado em um restaurante, além de cenas elaboradas e gravadas para ilustrar diversas manifestações de capacitismo, como aquelas enfrentadas no ambiente de trabalho, em casamentos e na utilização de terminologias inadequadas. Além disso, promove uma discussão sobre as nomenclaturas mais apropriadas. O programa se posiciona como um agente de transformação social e, para que sua produção tenha o impacto necessário, é apresentado por Flávia Cintra, jornalista tetraplégica devido a um acidente de carro aos 18 anos. A direção artística fica sob a responsabilidade de Patrícia Carvalho, enquanto a direção geral é assinada por Daniel Gonçalves e Pedro Henrique França, ambos profissionais com deficiência (Globo, 2024). Um dos nomes mais conhecidos no programa é de Ivan Baron, popularmente chamado de influenciador da inclusão. Dessa forma, pela primeira vez na história da TV brasileira, um programa foi idealizado, produzido e exibido por pessoas com deficiência (Folha, 2023).

Essa iniciativa é especialmente relevante diante da longa história de exclusão e invisibilização das PcD ao longo dos séculos em diversas sociedades. Como destaca Emílio Figueira (2021), práticas de exclusão já eram registradas em diferentes culturas, incluindo entre povos indígenas:

Muitos relatos de historiadores e antropólogos registram várias práticas de exclusão entre os índios. quando nascia uma criança com

deformidades físicas, era imediatamente rejeitada, acreditando-se que traria maldição para a tribo, dentre outras consequências. Uma das formas de se livrar desses recém-nascidos era abandoná-los nas matas, ou atirá-los de montanhas e, nas mais radicais atitudes, até sacrificá-los em chamados rituais de purificação (Figueira, 2021, p. 20).

RESULTADOS

Para compreender o conteúdo do programa, este estudo categorizou os temas abordados em quatro áreas: (1) estereótipos, (2) experimentos sociais empíricos, (3) interseccionalidade e (4) legislação. Observa-se que o programa Falas de Acesso adota uma abordagem crítica e pedagógica sobre o capacitismo, ao explorar as barreiras enfrentadas pelas pessoas com deficiência e ao promover uma perspectiva inclusiva e representativa. No que se refere aos estereótipos e sua desconstrução, o programa problematiza a visão capacitista que reduz as pessoas com deficiência a coitadinhas ou exemplos de superação, o que na perspectiva de Saga e Ignara (2023) pode contribuir para amplificar o discurso de super-herói.

Com o passar dos anos, a palavra “superação” foi sendo estressada a tal ponto, pelo capacitismo, que perdeu o sentido para muitas pessoas com deficiência no lado oposto que toda opressão nos coloca, nos tirando de um lugar de coitados e doentes para nos colocar como super-heróis. Essa dicotomia não é saudável para o processo de inclusão, pois ignora a equidade (Saga e Ignara, 2023, p. 44).

Logo, o programa enfatiza a necessidade de reconhecer as pessoas com deficiência como indivíduos com direitos e capacidades diversas. As situações simuladas e as cenas que retratam experiências cotidianas ilustram a infantilização, o excesso de ajuda, a exclusão e a admiração exagerada, elementos presentes no capacitismo. A inversão dessas posições foi eficaz para promover a reflexão sobre como tais atitudes são inadequadas. Um exemplo em uma das cenas gravadas ilustra o capacitismo de uma pessoa em um casamento, ao considerar extraordinário e admirável que uma pessoa sem deficiência se case com alguém com deficiência.

A interseccionalidade é outro aspecto trabalhado no programa, uma vez que é possível observar a presença de mulheres, pessoas negras, LGBTQIA+ e indígenas com deficiência, o que reforça a diversidade dentro da própria comunidade PcD e amplia o debate sobre as múltiplas opressões. No tocante à legislação, o programa destaca que a

acessibilidade não é um favor, mas um direito garantido por lei, trazendo dados e reflexões sobre a desigualdade no mercado de trabalho, no casamento e na vida cotidiana.

Figura 1 - Foto de divulgação do programa Falas de Acesso exibido na Rede Globo



Fonte: Globo, 2024.

Uma característica do programa encontra-se no discurso com humor e crítica. O tom usado em alguns momentos combina ironia e indignação para evidenciar o absurdo de práticas capacitistas normalizadas na sociedade. Esse conjunto e a presença de pessoas com deficiência no protagonismo da produção e apresentação do programa reforça a ideia de orgulho PcD, combatendo a visão de deficiência como limitação e reafirmando a autonomia e potencial de cada indivíduo.

Espera-se que este trabalho funcione como uma ferramenta de promoção da luta anticapacitista no campo do audiovisual e da comunicação social, ao levantar discussões e reflexões críticas sobre as práticas capacitistas presentes na sociedade. O objetivo é contribuir para a conscientização e o fortalecimento da resistência contra a discriminação, evitando a perpetuação de estigmas.

REFERÊNCIAS

CINTRA, Flávia. Página oficial de Flávia Cintra. Disponível em: <https://www.flaviacintra.com.br/>. Acesso em: 19 fev. 2025.

DATAVERSO PcD. Dados da deficiência no Brasil. Disponível em: <https://pcd.dataverso.org/>. Acesso em: 6 fev. 2025.

FIGUEIRA, Emílio. **As pessoas com deficiência na história do Brasil**. 4. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2021.

FOLHA DE SÃO PAULO. Conheça Ivan Baron, influencer com deficiência que entregou faixa a Lula. Folha de S.Paulo, 1 jan. 2023. Disponível em:
<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2023/01/conheca-ivan-baron-influencer-com-deficiencia-que-entregou-faixa-a-lula.shtml>. Acesso em: 10 nov. 2023.

GLOBO. Globo prepara especial "Falas de Acesso" para o Dia de Luta da Pessoa com Deficiência. O Globo, 31 ago. 2024. Disponível em:
<https://oglobo.globo.com/play/noticia/2024/08/31/globo-prepara-especial-falas-de-acesso-para-o-dia-de-luta-da-pessoa-com-deficiencia.ghtml>. Acesso em: 19 fev. 2025.

HEUMANN, Judith; JOINER, Kristen. **Being Heumann: An Unrepentant Memoir of a Disability Rights Activist**. Boston: Beacon Press, 2020.

LYCARIÃO, Diógenes; SAMPAIO, Rafael. **Análise de conteúdo categorial: manual de aplicação**. Brasília: Enap, 2021.

MARCO, Victor Di. **O mito da capacidade**. Belo Horizonte, MG: Letramento, 2020.

SAGA, Billy; IGNARA, Carolina. **Manual anticapacitista: tudo o que você precisa saber para se tornar uma pessoa aliada contra o capacitismo**. São Paulo: Jandaíra, 2023.

SILVA, Solange Cristina da; ESTIVALETE BECHE, Rose Clér; COSTA, Laureane Marília de Lima (Orgs.). **Estudos da deficiência na educação: Anticapacitismo, interseccionalidade e ética do cuidado**. Florianópolis: UDESC, 2022.